ISSN: 2358-8829

O AVESSO DA REGRA: GAMIFICAÇÃO NARRATIVA E A ESTÉTICA DA INCLUSÃO NO MATERNAL

Viviane Euclydes da Silva [1]
Alexandre Farbiarz [2]

INTRODUÇÃO

Na Educação Infantil, as crianças produzem sentidos por meio do corpo, da brincadeira e das relações (Rinaldi, 2012; Ostetto, 2008). No Maternal, gestos, escolhas, movimentos e recusas oferecem pistas sobre interesses e modos de participação. Interpretadas no contexto e acompanhadas ao longo do tempo, essas manifestações podem orientar o planejamento coletivo.

O planejamento pedagógico articula intencionalidade docente e abertura ao imprevisto. Entretanto, essa relação apresenta um desafio: como construir experiências compartilhadas quando as crianças manifestam interesses, necessidades e modos de participação tão distintos? No Maternal, uma proposta concebida para o grupo pode mobilizar algumas crianças e não despertar a participação esperada de outras. A insistência em um material, a aproximação por determinada linguagem ou a recusa de uma atividade podem revelar aspectos que o planejamento inicial ainda não contemplava. A questão que se coloca à docência é como reconhecer essas manifestações e transformá-las em possibilidades de participação coletiva, sem desconsiderar as singularidades infantis.

A observação reflexiva (Freire, 1996) e a documentação pedagógica (Ostetto, 2008) oferecem fundamentos para enfrentar esse desafio, permitindo formular hipóteses, acompanhar as respostas das crianças e reelaborar propostas. Nessa perspectiva, desenvolvemos o projeto Pequenos Exploradores, em uma turma de Maternal de uma Unidade de Educação Infantil localizada no município de Niterói/RJ.

[1] Doutotanda do Programa de Pós Gaduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC) da Universidade Federal Fluminuense UFF, vieuclydes@id.uff.br;

[2] Professor orientador: Doutor em Design pela PUC-Rio, Professor Titular do Instituto de Arte e Comunicação Social, Professor Permanente do Programa de Pós Gaduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC) da Universidade Federal Fluminuense UFF, alexandrefarbiarz@id.uff.br;

A Boneca Mariana convocava investigações, a Doutora Sofia acompanhava descobertas e Sombra-Cinza, personagem antagonista, mobilizava a busca pelas cores da escola. O repertório ficcional foi reelaborado em experiências presenciais e coletivas, construídas a partir da observação de toda a turma.

Diante dessa problemática, formulamos a seguinte questão de pesquisa: como a construção de uma narrativa gamificada, fundamentada na escuta das singularidades infantis, pode favorecer o protagonismo e a inclusão no cotidiano do Maternal? O objetivo geral foi compreender essa relação, identificando, especificamente, as pistas que as manifestações individuais e coletivas oferecem ao planejamento e caracterizando as possibilidades de participação constituídas por meio dos dispositivos narrativos, musicais, simbólicos e sensoriais do projeto.

A discussão articula os estudos do cotidiano (Certeau, 2014; Alves, 2008), a observação e a documentação (Freire, 1996; Ostetto, 2008; Rinaldi, 2012), a responsividade (Bakhtin, 2011), a comunicação e a gamificação (Kapp, 2012; Sodré, 2002; Soares, 2014) e a inclusão (Mantoan, 2003). O texto apresenta metodologia, referencial teórico, resultados, discussão e considerações finais. Os episódios demonstram tanto possibilidades de aproximação quanto a necessidade de rever hipóteses docentes, contribuindo para compreender a estética da inclusão.

METODOLOGIA

O estudo apresenta um relato de experiência articulado aos princípios da pesquisa-ação, conforme Thiollent (2005), perspectiva que aproxima investigação e ação, permitindo que a reflexão sobre situações concretas oriente intervenções e novas interpretações da prática. Esse movimento dialoga com a documentação pedagógica discutida por Freire (1996), Ostetto (2008) e Rinaldi (2012). O campo corresponde a uma turma de Maternal, com 16 crianças entre dois e três anos de idade, estando a maioria com dois anos, na qual há duas crianças com transtorno do espectro autista (TEA), sendo uma com dois e outra com três anos. A experiência foi desenvolvida ao longo do ano letivo em uma Unidade de Educação Infantil localizada no município de Niterói/RJ, no âmbito do projeto Pequenos Exploradores. A professora-pesquisadora atuou como uma das docentes da turma, integrando a elaboração e o acompanhamento

das propostas e assumindo a observação do cotidiano como parte da própria ação pedagógica.

O projeto foi elaborado a partir da escuta e da observação das 16 crianças. O recorte analítico privilegia situações envolvendo duas crianças autistas, sem alterar o caráter coletivo das propostas. Seus interesses e respostas permitem examinar a relação entre observação, interpretação e reelaboração do planejamento. O percurso reuniu cinco momentos articulados: observação das manifestações infantis, formulação de hipóteses, elaboração de experiências narrativas, acompanhamento da participação e reelaboração das propostas. Fotografias, anotações em caderno e documentos pedagógicos sustentaram a recuperação dos episódios e a reflexão docente.

O projeto foi inspirado em Detetives do Prédio Azul (DPA)[3]. Esse repertório foi recriado a partir dos interesses da turma: a Boneca Mariana enviava cartas, a Doutora Sofia acompanhava descobertas e o Sombra-Cinza, antagonista, relacionava-se ao desaparecimento das cores. Missões, avatares e poderes simbólicos conectavam experiências diversas em uma aventura comum. As investigações articularam água, espuma, bolhas, luz, cores, música e percursos corporais. A continuidade da narrativa relacionava as descobertas e acolhia formas distintas de participação, pela observação, pelo movimento, pelo toque e pela escuta.

A discussão está organizada em quatro núcleos: universo narrativo compartilhado, musicalidade, letras/números/imagens e revisão da hipótese sobre a água. Distinguimos acontecimentos observados, hipóteses docentes e interpretações teóricas. É importante esclarecer que os nomes Tiago e Rian são fictícios, e são apresentado na perspectivas de propiciar protagonismo para as crianças. A instituição é identificada apenas pelo município; os registros fotográficos e documentais foram utilizados na análise sem reprodução de imagens das crianças.

[3] Detetives do Prédio Azul (DPA) é uma reconhecida série de televisão infantil brasileira, criada por Flávia Lins e Silva e exibida desde 2012. A narrativa acompanha as aventuras de três crianças que vestem capas de detetives para investigar mistérios e resolver enigmas no prédio onde residem. Disponível em: https://tv.apple.com/br/show/detetives-do-predio-azul/umc.cmc.2l3g5937dh1at7d0ep7o9yctz. Acesso em 4 ago. 2026.

ISSN: 2358-8829

COTIDIANO, TÁTICAS, ESCUTA E DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

O Certeau (2014) distingue estratégias institucionais e táticas de apropriação do cotidiano, chamando a atenção para a criatividade dos sujeitos nas ocasiões e nos usos do espaço. No Maternal, essa perspectiva ajuda a compreender como o vivido dialoga com as orientações e os planejamentos adultos. As escolhas, recusas e explorações infantis podem ser interpretadas como pistas de apropriação, sem lhes atribuir intenção estratégica plenamente consciente. Investigar essas manifestações e suas implicações para o planejamento constitui uma forma de acolher o avesso da regra.

Alves (2008) reconhece saberes tecidos nas práticas e relações cotidianas. Ao acompanhar recorrências, diferenças e acontecimentos imprevistos, a professora pode revisar hipóteses e articular preparação, observação e reelaboração. Para Madalena Freire (1996), observar, registrar e refletir são instrumentos metodológicos. No Maternal, esse exercício exige atenção às linguagens corporais e às expressões que ultrapassam a comunicação verbal, De acordo com a autora:

> Não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos. Nosso olhar cristalizado nos estereótipos produziu em nós paralisia, fatalismo, cegueira. [...] Para romper esse modelo autoritário, a observação é a ferramenta básica neste aprendizado da construção do olhar sensível e pensante. [...] Olhar que envolve ATENÇÃO e PRESENÇA. [...] O ver e o escutar fazem parte do processo desta construção do olhar. Não fomos educados para a escuta. Em geral não ouvimos o que o outro fala mas sim o que gostaríamos de ouvir (Freire, 1996, p. 10, grifo do autor).

Ostetto (2008) compreende a documentação como produção de sentidos sobre as experiências, enquanto Rinaldi (2012) destaca a escuta e a investigação com crianças concebidas como sujeitos de relações e conhecimentos. Ambas sustentam uma docência atenta ao coletivo e às singularidades. Identificar um interesse não significa conhecer todas as suas manifestações. Uma aproximação frequente da água pode inspirar experiências com diferentes materiais, mas a resposta da criança pode revelar preferência específica pelo fluxo e pela pressão da água corrente. A revisão dessa hipótese integra a observação pedagógica.

Essa dimensão interpretativa aproxima-se da compreensão ativamente responsiva discutida por Bakhtin (2011), segundo a qual compreender implica uma atitude de resposta. No Maternal, essa perspectiva contribui para pensar gestos, aproximações e recusas como manifestações que exigem atenção ao contexto, sem equipará-las

automaticamente ao enunciado verbal. A escuta articula, assim, observação, interpretação e ação docente, em um movimento entre o singular e o coletivo que sustenta a reelaboração do planejamento.

GAMIFICAÇÃO NARRATIVA, MÍDIA E PRODUÇÃO DE SENTIDOS

A gamificação é a incorporação de elementos de jogos em situações que não são de jogos, como o contexto de aprendizagem. Kapp (2012) oferece instrumentos para compreender o papel de desafios, regras, objetivos, narrativas e outras estruturas na organização de experiências. No maternal entretanto, a relevância desses elementos depende de sua articulação com o brincar, com a imaginação e com a cultura produzida pelas crianças.

Silva (2025) amplia essa discussão ao compreendê-la como linguagem e sistema simbólico de produção de sentidos, constituído nas relações entre crianças, elementos narrativos e mediação docente. A apropriação de símbolos, a criação de regras e as possibilidades de coautoria evidenciam que a narrativa gamificada adquire significado nas experiências compartilhadas. Desenvolvida no contexto da pré-escola, essa investigação oferece uma interlocução teórica para o presente estudo, que é voltada às especificidades do Maternal e às possibilidades de participação das crianças bem pequenas.

Bakhtin (2011), permite pensar essa produçao de sentidos como relacional. Os elementos da narrativa ganham vida nas interações: uma carta convoca, um personagem oferece continuidade às investigações e uma missão abre possibilidades de ação. O sentido não está contido integralmente no objeto preparado pelo adulto; ele é constituído nas relações que as crianças estabelecem com esse objeto, com os colegas e com os mediadores. O protagonismo infantil pode manifestar-se em escolhas, apropriações, iniciativas, modos de explorar e formas de participar da experiência coletiva.

Sodré (2002) propõe o conceito de bios midiático para discutir a presença das formas de comunicação na experiência social contemporânea. A inspiração em Detetives do Prédio Azul pode ser compreendida a partir dessa relação entre repertórios culturais e práticas de convivência: elementos da ficção foram retomados em cartas, personagens e investigações vividas pelas crianças. Na interface entre Comunicação e

Educação, Soares (2014) contribui com a perspectiva educomunicativa, orientada à ampliação das possibilidades de expressão e participação. Nessa direção, Barros e Soares (2000, p. 21) afirmam que "É preciso criar novos modelos de relação pedagógica e comunicativa". Essa perspectiva contribui para compreender a narrativa gamificada como linguagem compartilhada, aberta a diferentes formas de expressão e produção de sentidos.

A presença de símbolos comuns favorece uma referência coletiva, mas o sentido produzido permanece singular e situado. Uma mesma missão pode convocar a exploração de cores para algumas crianças, a atenção à música para outras e o interesse por movimentos ou objetos para outras ainda. A narrativa oferece continuidade à experiência do grupo e abre possibilidades de participação diferenciada. Sua qualidade pedagógica se relaciona à capacidade de sustentar essas diferenças e de acolher as respostas que emergem durante o percurso.

INCLUSÃO E ESTÉTICA DA EXPERIÊNCIA COMPARTILHADA

Mantoan (2003) discute a inclusão escolar como transformação das estruturas e concepções educacionais, ressaltando a necessidade de rever práticas que classificam os estudantes segundo expectativas uniformes. A autora vincula a inclusão a uma mudança de paradigma, cuja exigência alcança a organização escolar e as formas de participação. Para o contexto do Maternal, essa perspectiva convida a pensar experiências comuns capazes de reconhecer diferenças e de oferecer apoios e mediações conforme as necessidades concretas das crianças. Mantoan (2003, p. 16-17), afirma que:

> Quanto à inclusão, esta questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e da regular, mas também o próprio conceito de integração. Ela é incompatível com a integração, pois prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceção, devem freqüentar as salas de aula do ensino regular. [...] O radicalismo da inclusão vem do fato de exigir uma mudança de paradigma educacional. Na perspectiva inclusiva, suprime-se a subdivisão dos sistemas escolares em modalidades de ensino especial e de ensino regular.

A expressão estética da inclusão, presente no título deste trabalho, é proposta como análise interpretativa da experiência. A palavra estética remete, aqui, à dimensão sensível das relações educativas: aos sons, gestos, ritmos, movimentos, materiais e modos de estar com os outros. A inclusão refere-se às condições de participação e

reconhecimento que se constroem nesse ambiente. Sua articulação busca compreender como diferentes formas de perceber e explorar podem compor uma experiência cultural compartilhada.

A NARRATIVA PEQUENOS EXPLORADORES: DISPOSITIVOS SIMBÓLICOS E AUTORIA

À luz de Bakhtin (2011), cartas, personagens e símbolos constituíam convites à participação, cujos sentidos dependiam das relações estabelecidas pelas crianças. Rinaldi (2012) e Ostetto (2008) reforçam a importância de acompanhar essas apropriações sem presumir resultados ausentes dos registros.

O protagonismo também se manifesta nas respostas imprevistas. Mais que concluir missões, interessavam as interações, as explorações e os sentidos emergentes, tomados como conhecimento para as docentes. Personagens recorrentes davam continuidade às experiências; a observação das crianças permitia rever caminhos. A potência inclusiva da narrativa dependia, portanto, da atenção aos modos singulares de participação.

A MUSICALIDADE COMO POSSIBILIDADE DE ENCONTRO E PARTICIPAÇÃO

A musicalidade ocupou lugar significativo na experiência, especialmente em relação a Tiago. As observações indicaram que situações musicais favoreceram sua aproximação com adultos, sua participação em momentos de roda e o interesse por propostas pedagógicas. A importância desse episódio reside na identificação de uma condição concreta em que se ampliaram possibilidades de interação. O dado ganha consistência quando relacionado ao acompanhamento do cotidiano, às manifestações da criança e ao contexto das propostas. Ritmo, repetição e movimento favoreceram situações de presença compartilhada. O interesse musical de Tiago ofereceu uma pista para a mediação docente e passou a integrar as propostas coletivas.

À luz da observação reflexiva de Freire (1996), esse interesse ganhou valor ao orientar escolhas pedagógicas, sem pressupor que a mesma estratégia produzisse respostas idênticas em todas as situações. É importante delimitar o alcance do resultado.

O relato sustenta a identificação de maior aproximação em determinadas situações musicais, mas a demonstração de redução generalizada de barreiras comunicativas exigiria critérios, registros e acompanhamento sistemático específicos. O achado principal é a percepção de que a musicalidade constituiu uma via significativa de participação para aquela criança, em um contexto pedagógico compartilhado com o grupo. A dimensão sonora da experiência evidencia que a estética da inclusão se constrói nas condições concretas de encontro e participação, reconhecendo ritmos e modos de expressão singulares.

LETRAS, NÚMEROS, IMAGENS E SEGURANÇA NA PARTICIPAÇÃO

A observação de Rian evidenciou seu interesse por letras e números. A educadora incorporou esse interesse a experiências compartilhadas com a turma, tomando os nomes das crianças como referências para a exploração das letras. Nesse percurso, a criança era especialmente convidada a localizar as letras associadas aos nomes dos colegas, enquanto o grupo participava das propostas de reconhecimento e aproximação com a linguagem escrita.

Os númerais foram apresentados de maneira concreta, em situações próximas ao cotidiano das crianças. O calendário e a contagem de quantas crianças estavam presentes na sala também passaram a integrar as experiências. A escolha desses elementos permitiu relacionar um interesse singular a situações coletivas de exploração, sem exigir respostas idênticas dos participantes.

Outro aspecto observado foi a importância da fotografia dessa criança associada à letra inicial de seu nome. Em momentos de incômodo com o barulho da sala, a visualização da própria imagem e da letra oferecia uma referência familiar que contribuía para tranquilizá-la diante da insegurança percebida. Essa observação demonstra que a participação também depende de condições de acolhimento e segurança no cotidiano.

Rian demonstrava ainda interesse por imagens e encantamento pelo personagem Sombra-Cinza. Esse encontro entre interesses visuais e universo narrativo oferece uma pista relevante para compreender como os signos da história podiam adquirir sentidos particulares. O episódio articula a compreensão da gamificação narrativa como linguagem (Silva, 2025; Bakhtin, 2011) à observação pedagógica atenta às

singularidades (Freire, 1996; Rinaldi, 2012). Essas aproximações evidenciam que os elementos da narrativa podiam adquirir sentidos particulares nas experiências da criança.

ÁGUA, SENSORIALIDADE E REVISÃO DAS HIPÓTESES DOCENTES

O episódio da água apresenta uma contribuição especialmente relevante para a pesquisa. A observação inicial de Tiago indicou interesse por esse elemento. A partir dessa pista, a professora-pesquisadora organizou uma sequência de propostas envolvendo água, espuma, bolhas, luz e cores, articuladas ao universo investigativo de Pequenos Exploradores. As experiências despertaram interesse e participação entre outras crianças da turma, constituindo situações significativas para o coletivo.

A resposta de Tiago, entretanto, revelou uma diferença importante. As propostas com água e materiais associados não produziram automaticamente o envolvimento esperado. A continuidade da observação permitiu compreender uma relação sensorial mais específica: seu interesse concentrava-se na água corrente da torneira e na pressão do fluxo sobre o dedo. O elemento inicialmente reconhecido como interesse por água ganhou, assim, uma compreensão mais precisa.

Esse deslocamento entre hipótese e acontecimento constitui um resultado da investigação. O planejamento nasceu de uma observação legítima, ampliou experiências para o grupo e, ao mesmo tempo, exigiu uma revisão interpretativa diante da resposta singular. A situação revela a importância de acompanhar o que efetivamente mobiliza cada criança, considerando características sensoriais e contextuais que podem escapar às primeiras leituras adultas.

A contribuição de Certeau (2014) permite compreender a distância entre o percurso planejado e os usos que emergem na prática. A pedagogia do olhar de Freire (1996), articulada a Ostetto (2008) e Rinaldi (2012), oferece sustentação para interpretar essa distância como oportunidade de reflexão docente. O registro do acontecimento e a revisão da hipótese tornam visível o caráter investigativo do planejamento. O gesto infantil participa da construção de conhecimento sobre a própria experiência pedagógica.

O episódio também qualifica o conceito de participação coletiva. Uma proposta comum pode ser relevante para diversas crianças e apresentar limites para outra. A

pluralidade de respostas exige atenção à singularidade de cada participante e ao valor cultural das experiências compartilhadas. O movimento singular-coletivo-singular, portanto, descreve um percurso de observação: uma manifestação individual inspira uma proposta comum; o coletivo responde de diferentes formas; a educadora retorna às particularidades observadas e amplia sua compreensão.

A estética da inclusão adquire densidade nesse ponto. A experiência com a água evidencia que o sensível possui múltiplas manifestações: temperatura, textura, movimento, pressão, luminosidade e ritmo podem constituir interesses diferentes, mesmo quando agrupados sob uma categoria aparentemente única. O olhar docente se aprofunda ao reconhecer essas diferenças e ao construir condições de participação que considerem a diversidade dos sentidos produzidos.

ESCUTA, MEDIAÇÃO E CONSTRUÇÃO COLETIVA DE SENTIDOS

Os episódios mostram que a escuta exige acompanhar respostas diferentes às mesmas propostas. Certeau (2014) e Alves (2008) ajudam a reconhecer o cotidiano como espaço de produção de saberes; Freire (1996), Ostetto (2008) e Rinaldi (2012) sustentam o registro e a revisão das hipóteses.

As educadoras observaram interesses individuais e coletivos, propuseram experiências comuns e acompanharam seus efeitos. A aproximação musical de Tiago, as relações de Rian com símbolos e imagens e a resposta inesperada à proposta com água revelam possibilidades e limites de cada hipótese. Com Bakhtin (2011), compreendemos a escuta como atitude responsiva: as manifestações infantis convocam decisões pedagógicas. A estética da inclusão emerge dessa relação entre experiência sensível, participação coletiva e revisão do planejamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe ressaltar que os episódios discutidos representam um recorte da experiência pedagógica. A construção do projeto Pequenos Exploradores envolveu a observação das singularidades de todas as crianças, e as propostas foram elaboradas para o coletivo, considerando diferentes interesses e formas de participação. O destaque atribuído às experiências de duas crianças autistas permite aprofundar a reflexão sobre a

escuta pedagógica e a inclusão, sem reduzir a origem, o desenvolvimento ou os resultados do projeto a essas duas trajetórias.

O projeto Pequenos Exploradores permite discutir a gamificação narrativa como linguagem e dispositivo de produção compartilhada de sentidos na Educação Infantil. As cartas, os personagens, as missões e os símbolos organizaram um repertório comum para experiências musicais, corporais e sensoriais. Sua relevância pedagógica relacionou-se à escuta das manifestações infantis e à possibilidade de reelaborar o planejamento diante das respostas observadas.

Os objetivos da pesquisa foram abordados por meio da identificação de pistas presentes nas manifestações individuais e coletivas das crianças e da caracterização de possibilidades de participação em situações narrativas e sensoriais. As explorações com letras, números e imagens evidenciaram formas de participação e acolhimento de uma das crianças autistas. A musicalidade destacou-se como via significativa de aproximação para uma criança autista; as experiências com água mostraram a importância de refinar hipóteses e reconhecer a especificidade das relações sensoriais. Os episódios demonstram a riqueza e a complexidade do planejamento construído a partir da escuta.

Certeau (2014), Alves (2008), Bakhtin (2011), Freire (1996), Ostetto (2008), Rinaldi (2012) e Mantoan (2003) sustentam a compreensão de que observação, mediação e inclusão atravessam o cotidiano. Silva (2025) oferece interlocução sobre gamificação narrativa em outro contexto, preservadas as diferenças entre a pré-escola e o Maternal. A estética da inclusão é proposta como formulação interpretativa para nomear uma prática em que diferentes modos de perceber, comunicar, explorar e participar constituem a vida coletiva. Sua força encontra-se na articulação entre intencionalidade docente, escuta e abertura à experiência. A contribuição deste trabalho está na compreensão de que as respostas das crianças participam da elaboração do próprio planejamento.

Considerando o caráter situado da experiência e o recorte apresentado, novas investigações poderão aprofundar a compreensão das relações entre gamificação narrativa, escuta pedagógica e inclusão na Educação Infantil, acompanhando diferentes formas de participação das crianças e os processos de reelaboração do planejamento docente. Esse aprofundamento poderá ampliar o diálogo entre os estudos do cotidiano, a perspectiva dialógica da linguagem e as pedagogias da documentação.

O avesso da regra expressa uma possibilidade de reinvenção pedagógica: observar as crianças, reconhecer suas singularidades, propor experiências compartilhadas e retornar às manifestações infantis para compreender o que a experiência ensinou. Esse movimento sustenta uma prática investigativa em que o singular e o coletivo se transformam mutuamente.

Palavras-chave: Educação Infantil; Gamificação narrativa; Escuta sensível; Inclusão. Protagonismo infantil.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Decifrando o pergaminho: os cotidianos das escolas nas redes do cotidiano. *In*: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (org.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas:** sobre redes de saberes. 3. ed. Petrópolis, RJ: DP et Alii, 2008. p. 13-38.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARROS, Paulo; SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 19, p. 12-24, set./dez. 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

DETETIVES DO PRÉDIO AZUL: Programa de TV, família e aventura. **APPLE TV**, 2026. Disponível em: https://tv.apple.com/br/show/detetives-do-predio-azul/umc.cmc.2l3g5937dh1at7d0ep7o9yctz . Acesso em: 4 ago. 2026.

FREIRE, Madalena. **Observação, registro, reflexão**: instrumentos metodológicos I. 2. ed. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996. Disponível em: https://issuu.com/ongavante/docs/observacao_registro_reflexao. Acesso em: 21 set. 2026.

KAPP, Karl M. **The Gamification of Learning and Instruction**: game-based methods and strategies for training and education. San Francisco: Pfeiffer, 2012.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Observação, registro, documentação: nomear e significar as experiências. *In*: OSTETTO, Luciana Esmeralda (org.). **Educação Infantil**: saberes em viagem. Campinas, SP: Papirus, 2008. p. 13-32.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: escutar, investigar e aprender. Tradução de Vania Cury. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

SILVA, Viviane Euclydes da. **As narrativas da gamificação na idade mídia**: produção de sentidos e significados no desenvolvimento da aprendizagem. Orientador: Alexandre Farbiarz. 2025. 231 f. Dissertação (Mestrado em Mídia e Cotidiano) – Instituto de Arte e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2025.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2005. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/990856582/LIVRO-Metodologia-Da-Pesquisa-Acao-Michel-THIOLLENT. Acesso em: 12 out. 2026.